

O HOMEM E A NATUREZA

Autoridades e forças vivas da cidade conheçam o **estado de abandono e degradação** que se encontram **as nascentes dos mananciais do município de Barretos**.

Nas nascentes do Ribeirão das Pitangueiras que é responsável por 50% da água fornecida para Barretos, a voçoroca é imensa. A plantação de cana invade as Áreas de Preservação Permanente – APP, em total desrespeito à legislação vigente. Da mesma forma, nas nascentes do Córrego do Barro Preto, seus afluentes e ao longo do percurso até a foz no Rio Pardo.

Afirmo em outros artigos e ratifico agora que o afluente do Córrego do Barro Preto, enquadrado como classe 2, no Distrito Industrial II, não dispõem de vazão suficiente para receber e diluir os efluentes da Estação de Tratamento 5 – ETE 5, mesmo após o tratamento. A própria lagoa de tratamento foi construída em Área de Preservação Permanente.

Até presente data não tenho conhecimento de que alguém foi responsabilizado, civil e penalmente pelo dano ambiental causado, inclusive com rompimento de barragem construída para encher a lagoa que não funciona até hoje. No entanto, a empreiteira recebeu integralmente a obra há dois anos. No local em que o SAAE deseja fazer o lançamento, o desrespeito com a natureza é total.

Ao ler o meu artigo de nº 186 de sexta-feira passada, que levou o título de “As Dez Maiores Descobertas Científicas de 2006” **um familiar** assim se pronunciou: “**Não te chamei de alardeador e sim de alarmista**”.

No artigo anterior esclareci o significado de **alardeador**. Mas, e **alarmista** o que é? Novamente com o auxílio do dicionário Houaiss encontro a seguinte definição: “Aquele que costuma propagar notícias ou boatos alarmantes”. Alarme “sinal para advertir sobre a ameaça de algum perigo”.

Não propago boatos. Minhas mensagens realmente têm a intenção de apresentar a gravidade, o perigo; a inquietante situação que se encontra o Planeta Terra, em particular no meu querido Chão Preto, no sentido de poder manter a continuidade da vida das futuras gerações, devido, principalmente, à exploração insustentável dos recursos naturais, mormente a água, sinônimo de vida, e a quantidade de resíduos que insensatamente o homem devolve à natureza como “gratidão” do que ela lhe oferece.

Recebi por oferecimento do amigo Luiz Antonio Monteiro um livro organizado pelo deputado federal, Antônio Carlos de Mendes Thame, cujo título é: **Museu da Água - “Franciso Salgot Castillon**”, - Piracicaba.

Já na introdução, ratificando a minha linha de raciocínio, deparei com o seguinte texto de autoria do deputado Thame:

“Se os dinossauros tivessem sido avisados de que corriam riscos de extinção, em virtude de algum fenômeno que até hoje não sabemos bem qual foi, (acredita-se que foi a queda de um asteroide) este alerta de pouco lhes valeria, pois nada poderiam fazer. No entanto, se nós hoje estivermos sendo **alertados** com relação a alguma ocorrência que possa colocar em **risco a sobrevivência ou a qualidade de vida dos seres humanos e nada fizermos, com certeza estaremos agindo como irracionais**.

Pois bem: Não estamos sendo **alertados**. Estamos sendo “**bombardeados**” por informações de centros de pesquisa sérios e pela mídia especializada, com relação a dois fenômenos ambientais, em

curso, que poderão em poucas décadas colocar em risco a sobrevivência ou a qualidade de vida de boa parte da população do planeta; o aquecimento da terra e a escassez de água”.

Para concluir o meu artigo fui buscar em **A Voz do Mestre**, de Gibran Kahlil Gibran o texto:

O Homem e a Natureza

“Ao romper do dia, sentei-me na campina, travando conversa com a Natureza, enquanto o Homem ainda descansava sossegadamente nas dobras da sonolência. Deitei-me na relva verde e comecei a meditar sobre estas perguntas:

Será a Beleza Verdade? Será Verdade a Beleza?

E em meus pensamentos vi-me levado para longe da humanidade. Minha imaginação descerrou o véu de matéria que escondia meu íntimo. Minha alma expandiu-se e senti-me ligado à Natureza e a seus segredos. Meus ouvidos puseram-se atentos à linguagem de suas maravilhas.

Assim que me sentei e me entreguei profundamente à meditação, senti uma brisa perpassando através dos galhos das árvores e percebi um suspiro como o de um órfão perdido.

“Por que te lamentas, brisa amorosa?” perguntei.

E a brisa respondeu: “Porque vim da cidade que se escalda sob o calor do sol, e os germes das pragas e contaminações agregaram-se às minhas vestes puras. Podes culpar-me por lamentar-me?”

Mirei depois as faces de lágrimas coloridas das flores e ouvi seu terno lamento... E indaguei: “Por que chorais, minhas flores maravilhosas?”

Uma delas ergueu a cabeça graciosa e murmurou:

“Choramos porque o Homem virá e nos arrancará, e nos porá à venda nos mercados da cidade.”

E outra flor acrescentou: “À noite, quando estivermos murchas, ele nos atirá no monte de lixo. Choramos porque a mão cruel do Homem nos arranca de nossas moradas nativas.”

Ouvi também um regato lamentando-se como uma viúva que chorasse o filho morto, e o interroguei: “Por que choras meu límpido regato?”

E o regato retrucou: “Porque sou compelido a ir à cidade, onde o Homem me despreza e me rejeita pelas bebidas fortes, e faz de mim carregador de seu lixo, polui minha pureza e transforma minha serventia em imundície.”

Escutei, ainda, os pássaros soluçando e os interpelei: “Por que chorais meus belos pássaros?”

E um deles voou para perto, pousou na ponta de um ramo e justificou:

“Daqui a pouco, os filhos de Adão virão a este campo com suas armas destruidoras e desencadearão uma guerra contra nós, como se fossemos seus inimigos mortais. Agora estamos nos despedindo uns dos outros, pois não sabemos quais de nós escaparão à fúria do Homem.

A morte nos segue, aonde quer que vamos.” Então o sol já se levantava por trás dos picos da montanha e coloria os topos das árvores com auréolas douradas. Contemplei tão grande beleza e me perguntei: **Por que o homem deve destruir o que a Natureza construiu?**”

“Tudo o que vocês desejam que os outros façam a vocês, façam vocês também a eles.”

(Palavras de Cristo, Mt 7.12). Tudo vocês desejam da natureza, façam vocês também a ela.

Luiz Antonio Batista da Rocha –Eng. Civil – Consultor em Recursos Hídricos – Auditor Ambiental –
rocha@mdbrasil.com.br – www.outorga.com.br – www.rochaoutorga.hpg.com.br